

O HUMOR GRÁFICO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Wagner Valente dos **Passos** – FURG

Elisabeth Brandão **Schmidt** – FURG

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este artigo é derivado de pesquisa que visou compreender em que sentido e de que forma o humor gráfico potencializa processos de Educação Ambiental. Discorre e problematiza sobre questões relacionadas ao humor gráfico como linguagem para proceder à leitura do mundo e expressá-lo, como meio de contestação e de militância social e ambiental. Discute os resultados da pesquisa a partir da análise de cartuns de uma mostra internacional de humor gráfico e de material relativo às entrevistas realizadas com pesquisadores e educadores ambientais que interagiram com os cartuns durante o evento. Aponta para as possibilidades e potencialidades do humor gráfico nos processos de Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Humor Gráfico. Cartum.

O HUMOR GRÁFICO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O perigo de fazer rir

No dia 7 de janeiro de 2015, em Paris, o jornal satírico Charlie Hebdo foi invadido por duas pessoas fortemente armadas, resultando na morte de doze pessoas, entre elas o cartunista George Wolinski, uma das principais referências mundiais em humor gráfico na atualidade.

Segundo a mídia e declarações do governo francês, o atentado foi cometido pelos franceses Saïd e Chérif Kouachi, muçulmanos que participavam de grupos terroristas em prol do Estado Islâmico e estariam agindo em nome do profeta Maomé. O atentado teria sido motivado pela publicação de charges que reproduziam a imagem do profeta.

Gerou-se, no Brasil, um debate amplamente difundido em jornais, rádios, televisão e redes sociais, com base em alguns cartuns que circulavam na internet, no qual muitas pessoas passaram a justificar o atentado, classificando os cartunistas como

inconsequentes, imprudentes e profanos, e merecedores de tal ato por ridicularizarem uma religião, um ícone sagrado. A visão de inviolabilidade sobre as religiões impediu que as pessoas fizessem outra leitura, por exemplo, de que os cartuns criticavam os grupos radicais e o poder de manipulação política e social das religiões no geral.

Vários foram os discursos e as reportagens, por parte da mídia brasileira, ao mesmo tempo exigindo liberdade de expressão, e condenando o humor e impondo limites éticos ao mesmo. Em nenhum momento o atentado foi analisado com a devida seriedade política, tendo por foco somente o motivo religioso.

Pergunta-se: quem seriam (ou quem foram) os reais beneficiados pelo atentado? Será que terroristas altamente treinados, com seus rostos ocultados por máscaras, teriam perdido, por incompetência, uma carteira de identidade dentro do carro? Por que a polícia francesa, em vez de realizar de imediato a contenção dos terroristas, abriu caminho e prestou escolta aos mesmos? Com que interesse o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu acusou o Estado Islâmico, assim como Hamas e o Hezbollah? Por que a Al Qaeda do Iêmen assumiria a autoria do atentado, sendo que os terroristas identificados eram franceses? E por que, em nenhum momento, investigaram-se os diversos indícios de associação do próprio governo francês com os Estados Unidos e Israel, por meio das suas agências de inteligência Direction Générale de la Sécurité Extérieure - DGSE, Central Intelligence Agency - CIA e o MOSSAD - Instituto para Inteligência e Operações Especiais, respectivamente, na construção de um episódio de *false flag*, como o atentado na maratona de Nova York, ou do World Trade Center, com intenção de culpar terceiros e expurgar muçulmanos, árabes e demais imigrantes da França, em uma política de limpeza étnica e de disseminação do medo e do terror, em um estado de alerta permanente em todo o mundo?

No Brasil, a mídia hegemônica passou a fomentar críticas contra as charges e cartuns do Charlie Hebdo e a exigir limites ao humor. Que interesses há no Brasil por parte da mídia hegemônica em propagar uma liberdade de expressão somente para ela, promovendo a censura para os cartunistas e humoristas de todo o país, que a princípio não tinham relação nenhuma com o jornal francês? Que poder existe no humor capaz de tornar-se alvo de extremistas e dos grupos de direita que controlam a mídia? Por que o humor gráfico, expressão artística que existe desde as pinturas rupestres, cujo princípio de estudos se destaca pelas mãos de artistas como Michelângelo e Leonardo Da Vinci, não aparece em nenhum momento nos livros de História da Arte? Por que o humor

gráfico, que impulsionou a mídia impressa no século XIX e boa parte do século XX, não faz parte dos currículos dos cursos de graduação em Comunicação Social e Artes? E qual a intenção de descredibilizar o humor, como se fosse inadequado educar com prazer, educar brincando?

Por que cartunistas, em pleno século XXI, quando se acredita haver maior liberdade de expressão e amplitude do nível de tolerância e inteligência da sociedade (devido aos avanços tecnológicos, acesso à informação e globalização) são enquadrados como transgressores da sociedade?

Esses questionamentos introduzem o debate instaurado neste artigo, o qual deriva de uma pesquisa que objetivou compreender em que sentido e de que forma o humor gráfico potencializa processos de Educação Ambiental. Discorreremos sobre o humor gráfico ao longo dos tempos, problematizando o uso do cartum em suas possibilidades criativas e educativas. Apresentamos os resultados da pesquisa que apontam para a importância do humor gráfico na efetivação de processos de Educação Ambiental.

O poder do riso

O desenho apresenta-se como uma das primeiras formas de expressão do ser humano. A criança, antes mesmo de falar, já esboça seus primeiros traços e riscos. Em razão dessa essência primitiva, o desenho passa a ser considerado algo de menor significância quando se inicia o processo de alfabetização e o aprendizado da operacionalização com os números. A expressão gráfica, que seria uma aptidão nata de todo o ser humano, passa a ser considerada qualidade de apenas alguns poucos, um dom, um talento divino, reprimindo-se na grande maioria das pessoas seu potencial crítico, artístico e criativo. Segundo a manifestação do cartunista Orlando Pedroso em seu blog:

O desenho não acontece na mão, muito menos no computador. O desenho precisa acontecer primeiro em alguma sala iluminada do cérebro. É lá onde ele acontece, escorre pelo pescoço, passa pela mão até chegar na ponta do lápis, da caneta da tablet ou qualquer outra ferramenta. O desenho tem e deve ser, antes de tudo, um pensamento, uma ideia (PEDROSO, 2013).

O humor gráfico apresenta-se como uma linguagem que atravessou séculos de forma sempre marginal. Isso ocorreu basicamente devido ao seu objetivo crítico e à sua identidade e origem popular. Desde o Antigo Egito, passando por Roma, Grécia e

demais períodos vividos pela humanidade, o humor gráfico sempre esteve presente, seja na forma de uma caricatura que ridicularizava um rei, seja nos muros da cidade ou em gravuras de artistas consagrados, como Goya e Daumier.

Considerado a voz do povo, o humor gráfico esteve relegado à condição de arte menor, uma forma de desvalorização do riso e da crítica através do ridículo. Sem a pompa construída pelos críticos de arte, o humor gráfico permite a criação com pouca sofisticação plástica; na maioria das vezes, de forma rápida e com poucos traços, sem a exigência de materiais sofisticados ou de recursos técnicos, somente de uma ideia, de um lápis e um papel.

A caricatura e o humor são formas de opinião e muitas vezes, mesmo nas épocas de repressão e de censura, são forma sutil e nem por isso menos poderosa de protesto, contestação e subversão. Uma forma expressiva de arte, desde as suas origens, uma arma ferina e terrorista, uma arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância e a injustiça (FONSECA, 1999, p. 3).

Promessas não cumpridas, submissão àqueles que financiam suas campanhas, a rotina de incontáveis casos de corrupção e conseqüente impunidade, fazem dos políticos os principais alvos dos cartunistas de todo o mundo, e talvez por isso se justifique tal perseguição ao humor e aos cartunistas.

A criminalização do humor crítico e político pela mídia hegemônica brasileira tem suas origens na ditadura militar e todo poder de manipulação da imprensa, da informação e do povo pode ser visto de forma bastante esclarecedora no documentário “Muito Além do Cidadão Kane” (HARTOG,1993), no qual acompanhamos o quanto os meios de comunicação atuaram como mecanismos de suporte e manutenção dos interesses das classes privilegiadas ao longo dos últimos 50 anos, produzindo jornalismo e entretenimento de qualidade questionável, e, por consequência, atuando no controle social.

Vivemos em uma sociedade baseada na lógica do mercado, ou seja, competitiva, agressiva, violenta e corrupta, que objetiva o lucro e a vantagem; calcada em valores superficiais e particulares, em detrimento dos sentimentos reais de respeito, solidariedade e valorização da vida. Como a Educação Ambiental poderá atuar e colher frutos dentro de uma estrutura blindada por outros interesses que não os da sociedade

em si? Unicamente com ações que aproveitem as fissuras do capital, engendrando outras ideias, outras propostas, outras construções e percepções de mundo.

Ao longo dos séculos, observamos a construção de uma sociedade global dividida entre dominantes e dominados; exploradores e explorados; merecedores do bem viver e os condenados às zonas de sacrifício. Ou seja, aqueles que controlam os processos de produção e aqueles que possuem a força de trabalho transformada em lucro para os primeiros (CHINEM, 2004, p.15).

A história do humor gráfico confunde-se com a das lutas sociais e ambientais e delas participa, como acontece com os jornais caricatos espalhados por todo o Brasil e pelo mundo no século XIX, ou mesmo durante a ditadura militar, como foi o caso do jornal “O Pasquim”. Hoje, com o advento da internet, das centenas de páginas que publicam e republicam charges pelas redes sociais, é possível acessar milhares de trabalhos que visam denunciar, criticar a corrupção, problematizar e trazer para o debate as ações do estado, submisso ao poder do capital e às empresas que financiam as campanhas eleitorais.

É por meio da capacidade criativa dos cartunistas, os quais demonstram, pelo próprio desenho, sua identificação, ação e solidariedade para com as questões sociais e ambientais, legitimando aqueles que estão em luta, que muitas contradições do sistema podem ser denunciadas e levadas ao debate. Conforme afirma Harvey (2012, p. 61) as ações devem estar focadas nos níveis estarrecedores de exploração nos locais de trabalho e unir os trabalhadores criativos e artistas, cujos talentos são tantas vezes transformados em produtos comerciais pelo grande poder do dinheiro.

Há uma estrutura voraz de controle e de anestesia da sociedade. A mídia trabalha para a implantação do pânico coletivo por meio da supervalorização de notícias que exaltam a violência no dia a dia e, conseqüentemente sua impunidade, influenciando na geração de mais violência e ignorando ações e debates de construção de outras realidades de valorização da vida, diferente daquela competitiva imposta pelo capitalismo mundial integrado. Concomitantemente, a elite que controla o estado promove uma série de estratégias para manter a sustentabilidade de seu poder, conforme nos ensina Eduardo Galeano:

De certo modo, a direita tem razão quando se identifica com a tranquilidade e a ordem; é a ordem, de fato, da cotidiana humilhação das maiorias, mas ordem em última análise; a tranquilidade de que a injustiça continue sendo injusta e a fome faminta. Se o futuro se transforma numa caixa de surpresas, o

conservador grita, com toda razão: “Traíram-me.” E os ideólogos da impotência, os escravos, que olham a si mesmos com os olhos do dono, não demoram a escutar seus clamores (GALEANO, 1987, p.19).

Em diversas conferências realizadas, Michèle Sato questiona, por meio de uma pergunta básica, que deveria pautar toda a ação e o estudo não somente de Educação Ambiental, mas em outros campos do conhecimento como a Economia, a Administração, o Direito etc: “Eu sei de que lado estou. E você? De que lado está?”. Uma linha tênue, levemente emaranhada, na qual é muito fácil ser cooptado, conforme nos afirma Ziraldo:

Eu não consigo entender como é que pessoas que têm a chance de falar, seja para cinquenta pessoas ou para um milhão de pessoas pela TV, e que conhecem os problemas brasileiros, e eu posso falar de cadeira porque nunca fui cooptado, como é que pessoas que têm esse espaço, como os meninos do *Casseta e Planeta*, podem fazer um programa gozando o MST ou um concurso “*Não solte pum no elevador*”. Não consigo entender, eles foram criados lá no *Pasquim*. E aceitar a cooptação no nível em que eles aceitaram me assusta um pouco, porque eu não sei como é que isso acontece no coração das pessoas. Outro dia o Bussunda deu um pau em mim, dizendo: o Ziraldo pensa que ainda estamos na ditadura. Então fico pensando: gente, como é que você pode ser brasileiro, ter consciência do que está acontecendo no mundo, sabendo que alguma coisa você pode fazer e essa alguma coisa é *inquietar* as pessoas e você aceita não *inquietar* as pessoas, e *entorpecer* as pessoas (ZIRALDO, 2001, p. 89).

Essa versão fatalista do mundo que paira sobre nós é muito bem observada por Paulo Freire, ao questionar como a educação, hoje, está em sua concepção segregada, servindo a duas finalidades: a manutenção da classe hegemônica no poder e a criação de contingente de produção, o qual vem entrando em colapso. A mão de obra humana vem sendo substituída por máquinas, condenando os trabalhadores à degradação, com a desculpa da falta de qualificação para operá-las. Todos são levados a aceitar a situação acriticamente, até religiosamente, como destino, como carma, como normal.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego do mundo é uma fatalidade do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada (FREIRE, 1998, p. 21).

A sustentabilidade não se constrói com a geração de novos postos de trabalho em substituição àqueles fechados pela tecnologia, ou com a corrida insensata pelo

crescimento econômico. A sustentabilidade se constrói com a percepção de alternativas viáveis de sobrevivência que partam, inicialmente, da autonomia alimentar, assim como da manutenção das diversas formas de vida e da natureza, que condicionada a milhares e milhares de anos a determinada região, oferece o necessário para que a vida no seu todo permaneça existindo.

A relação do cartunista, assim como a do educador ambiental, faz de si um ser atípico, não somente por suas atitudes peculiares a um artista, mas por ser um sujeito crítico, que acaba pichando a história, belamente moldada pelos grupos hegemônicos, com hilariantes e desconcertantes cartuns. É o que nos afirma o cartunista francês Georges Wolinski, quando expressou sua opinião em relação ao humor gráfico, em um momento no qual os Estados Unidos invadiam o Afeganistão e, posteriormente, o Iraque, em seu texto de abertura do VII PortoCartoon.

Este ano, os trágicos acontecimentos mundiais, as guerras, o terrorismo, as injustiças sociais estiveram muito presentes nas obras que recebemos. É normal, o humorista é uma testemunha da sua época; ele respira o ar do tempo. Ele faz rir com o horrível, o insuportável. O sarcasmo é, por vezes, a única forma de resistir à fatalidade dos acontecimentos. Pode-se rir de tudo, com a condição de não ser cínico, nem complacente (WOLINSKI, 2005, p. 7).

O humor gráfico que desnuda verdades é extremamente perigoso. Cartunistas já foram mortos, tiveram as mãos quebradas, foram torturados, presos, receberam ameaça de morte, processos judiciais, ficaram proibidos de publicar, pagaram indenização por calúnia e difamação e, hoje, sofrem com a censura comercial. Na maioria dos jornais, o cartunista, ou está do lado dos editores e, conseqüentemente, do lado das empresas que financiam o jornal, ou está na rua, desempregado - a exemplo de muitos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho - publicando gratuitamente na internet, em blogs e redes sociais.

Há cartunistas travestidos em todas as profissões: publicitários, *designers*, professores universitários, carteiros, estivadores, biólogos, engenheiros, arquitetos, médicos, servidores públicos; uma verdadeira legião infiltrada em diversos cantos da escala produtiva. Há também cartunistas que, de fato, trabalham como cartunistas, atuando em todas as funções onde é possível trabalhar com o desenho. Porém, onde menos se vê cartunistas é nos jornais, justamente no principal meio de publicação do humor gráfico que, ao longo dos últimos anos tornou-se almofadado pelos anunciantes, moldando a opinião pública ao bel prazer de seus parceiros comerciais.

Jornal sem charge é um jornal pesado, sem equilíbrio, voltado às elites, impopular. Uma tentativa de firmar a imagem do *status* hegemônico como o único válido, aquele no qual todas as pessoas devem se espelhar. O cartunista gaúcho Neltair Rebbes Abreu, mais conhecido como Santiago, nos oferece uma resposta:

Começo dizendo o seguinte: a charge nos grandes jornais é inviável. É impossível. Quando acontece, é um milagre. Porque ela é tremendamente controlada nos grandes jornais, até as vírgulas que saem nos balões. Eu sou completamente descrente em relação à grande imprensa. É só abrir as páginas da Veja, vendendo todos os peixes podres que ela quer vender, pra gente se dar conta de que o cartunista não pode estar ali naquele contexto. Ele vai ter que desdizer tudo que está ali. (...) E eu questiono o seguinte: se essa imprensa se diz livre, se diz equânime, harmônica, então tinha que ter também um colunista de extrema esquerda! Tinha que ter um cara do PSTU escrevendo diariamente nos jornais. Pra equilibrar. Se tem o Olavo de Carvalho, atual porta-voz da direita, tinha que ter a esquerda radical. Porque a vaga da extrema direita na imprensa está sempre assegurada.

A respeito de publicações, as dificuldades são também extremas, em relação às pressões sofisticadas que o sistema tem hoje. Hoje não precisa censurar diretamente: corta o anúncio, como cortaram pra Bundas, aí a revista morre por falta de anúncio, e não foi censurada (SANTIAGO, 2001, p. 94).

Em relação às questões ambientais, Santiago, produtor de uma infinidade de charges e cartuns envolvendo a temática, principalmente no período em que o Rio Grande do Sul recebeu a invasão das papeleiras e das plantações de eucaliptos, nos coloca algumas relações do cartum e do modo como a imprensa trata tais assuntos:

A imprensa é tão eficiente pra fazer as pessoas consumirem Coca-Cola, chicle e tantas porcarias, por que ela não é eficiente pra convencer as pessoas a zelar por um patrimônio que é delas? Não, a imprensa faz o contrário, desdenha pra poder comprar barato. (...) Outro exemplo: na imprensa brasileira a questão do transporte, que é questão crucial em todo o mundo, é tratada como se cada brasileiro tivesse seu carro particular, não se fala em transporte de massa, em transporte coletivo, não se exige das autoridades qualidade no transporte coletivo. Se fala só no carro particular, porque a imprensa é financiada pelas grandes montadoras. Não se faz uma análise crítica da poluição causada pelo automóvel, porque as montadoras não gostariam. Vocês não acham que já era hora do Globo Repórter fazer uma matéria sobre a poluição que o automóvel causa, a mortandade que ele cria nas estradas, será que não devia ser substituído por bons trens, bons ônibus, bons navios, que transportassem um grande número de pessoas a preços baratos? Claro que o correto seria isto, mas não, a coisa é tratada como se cada um fosse proprietário de um carro, o que é mentira. A maioria se aperta nos ônibus. Então o interesse da maioria não tá sendo contemplado nos jornais. E esta é uma questão de sobrevivência do planeta: o transporte coletivo é que pode, se não salvar, pelo menos retardar o fim do planeta. Porque se todos nós sairmos a causar poluição, atravancando as estradas e matando gente, o planeta vai explodir em pouco tempo. Este é um exemplo de como o anunciante influi no jornal, jamais haverá uma matéria assim sobre transporte porque teria de falar dos males do automóvel, e a GM poderia cortar o anúncio. Também não há matéria sobre a meleca que tem dentro da Coca-Cola, que a gente bebe sem saber o que é, porque a Coca-Cola

é um dos maiores anunciantes. Então é destes assuntos tabus que eu falo. Tem grandes tabus a serem quebrados. Não era só desaforar os militares que era tabu, tem esses tabus econômicos que são até mais complicados do que desaforar os militares na época da ditadura (SANTIAGO, 2001, p. 94-95).

Uma colaboração que precisa ser absorvida pela Educação Ambiental diz respeito à honestidade: qualquer iniciativa na área financiada por uma empresa poluidora, que busque mitigar impactos sociais e ambientais, corre o sério risco de torná-los legítimos. Em vez de responsabilizar, criticizar, publicizar e reivindicar o impedimento de tais impactos, os legalizamos moral e eticamente, ao aceitarmos trabalhar ou propormos determinados projetos em função do aporte financeiro disponibilizado pelas empresas. Em vez de lutar contra tal situação, ainda agradecemos aos responsáveis pela poluição e pela degradação humana, pois sem eles não haveria investimento nos projetos em Educação Ambiental, os quais não seriam possíveis caso não houvesse a indústria, os impactos e o dinheiro.

Nesse modelo, corremos o risco de ver a Educação Ambiental descredibilizada cientificamente, concomitante à banalização dos termos “sustentabilidade”, “transformação” e “ecologicamente responsável”, e transformada em marketing verde. Há uma incompatibilização conceitual inaceitável, pois os processos de Educação Ambiental estariam se fundamentando no poder financeiro de empresas poluidoras, retirando o instrumento das mãos dos movimentos sociais e ambientais, e colocando a opinião pública, de alguma forma, a favor da poluição, prevalecendo a sua contradição.

É fundamental investir na arte, em sua essência criadora, criativa e subversiva, tornando possível outras percepções e visões de mundo. A arte atua, principalmente, no desenvolvimento das identidades, situa o indivíduo no mundo, quebra a homogeneização e permite que, aquele ser, independentemente do lugar em que esteja, saiba onde está. Assim seria a arte, no âmbito do processo educativo, não como uma atividade de somente um dia da semana, momento em que as crianças brincam de se sujar com canetinhas e tintas, mas como otimização das potencialidades criativas e cognitivas no desenvolvimento crítico destas crianças como sujeitos do mundo.

As palavras do filósofo, escritor e educador indiano Jiddu Krishnamurti são oportunas para pensarmos essa relação com a arte-educação:

Que considerais ser a finalidade da educação? Não é a de produzir um indivíduo integrado? Se é esta finalidade da educação, devemos então perceber claramente se o indivíduo existe para a sociedade, ou a sociedade para o indivíduo. Se a sociedade necessita e faz uso do indivíduo para seus próprios

fins, não temem nenhum interesse na formação do ente humano integrado; o que ela quer é uma máquina eficiente, um cidadão obediente e respeitável e isso só requer uma integração muito superficial. Enquanto o indivíduo for obediente e se deixar condicionar totalmente, a sociedade o achará útil e gastará tempo e dinheiro com ele. Mas se a sociedade existe para o indivíduo, cabe-lhe então ajudá-lo a libertar-se da influência condicionadora dela própria. Deve educá-lo para se tornar um ente humano integrado (KRISHNAMURTI, 2004, p. 56).

O debate filosófico que permeia diversas áreas do conhecimento e da vida, realizado por Krishnamurti, vai ao encontro de tantos outros debates realizados pela Educação Ambiental. Qual é o papel da educação? Como o ser humano vive e por que se encontra no meio de tantos dilemas aparentemente sem respostas?

Consiste a função da educação, meramente, em ajudar a ajustar-vos a esta corrupta ordem social, ou sua função é dar-vos liberdade, liberdade completa, para crescerdes e criardes uma sociedade diferente, um novo mundo? (...) A educação, por certo nenhuma significação tem se não vos ajuda a compreender a vastidão da vida com todas as suas sutilezas, sua extraordinária beleza, seus pesares e alegrias (KRISHNAMURTI, 1967, p. 10-12).

Krishnamurti complementa a questão, ao apresentar a importância da educação, para além daquela desenvolvida em instituições formais de ensino:

A criança descobrirá o que ela própria é, se o ambiente em que vive a ajuda a fazê-lo. Se os pais e os mestres têm verdadeiro interesse em que um jovem descubra a si próprio, não o obrigarão a isso; criarão um ambiente em que o jovem possa vir a conhecer-se.

(...) Mas, vede, vossa educação não vos ensina a pensar; só vos ensina o que pensar. Ensina-vos que sois muçulmano, hinduísta, cristão, isto ou aquilo. Mas a função da educação correta é ajudar-vos a pensar por vós mesmos, de modo que de vosso pensar vos venha um sentimento de imensa confiança. Sois, então, um ente humano criador e não uma máquina servil. (KRISHNAMURTI, 1967, p. 21-153)

A união de forças do humor gráfico com a Educação Ambiental poderá qualificar ambos em suas formas de atuação. O humor gráfico terá o aporte científico ao ser estudado e pesquisado como componente de ação política, ambiental e transformação social. Já a Educação Ambiental será potencializada em suas atividades de comunicação, mas principalmente pela importância popular e circulação do humor gráfico por uma mídia autônoma, alternativa e independente. Um passo a mais para que seja reconhecida e tenha ao seu lado, em suas lutas, a opinião pública, devidamente conhecedora do que é Educação Ambiental e de quais as suas propostas, debates e ações.

Nessas condições, cabe especialmente à função poética de recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e re-singularizados. Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência (GUATTARI, 1992, p.31).

Washington Ferreira, educador ambiental, fotógrafo e documentarista, ilustra esse campo de possibilidades que se apresenta em nosso horizonte:

Se podemos “ler o mundo” através das imagens, podemos, antes disso, “construir o mundo” pelas imagens. Como uma das linguagens humanas dominantes, a visualidade determina, literalmente, uma “visão de mundo”. (...) Uma vez fixadas, explicitadas e socializadas, estas “imagens” podem contribuir como instrumentos facilitadores para a discussão e superação das situações e contradições retratadas, instigando-nos à produção conjunta de outras séries de “imagens da realidade”, as quais podem se desdobrar continuamente, resultando na recriação de outras “imagens” e, por que não, de outras “realidades” (FERREIRA, 2012, p. 34).

Contribuindo com o debate, Duncum apresenta um argumento muito interessante, que nos faz refletir acerca do uso do humor gráfico nos processos de Educação Ambiental.

Menciono o humor porque é importante incorporar prazer e crítica. Algo da diversão e até mesmo do prazer transgressor que os alunos absorvem da cultura popular deve ser concebido como um ingrediente da pedagogia. (...) O objetivo de uma pedagogia dialógica que amalgama diversão e crítica não consiste em fornecer respostas definitivas, mas sim em levantar questionamentos, revelar dilemas e dar continuidade a uma conversa. Tal pedagogia crê no poder dos alunos e em sua capacidade de tomar decisões éticas (DUNCUM, 2011, p. 26).

Os meandros da pesquisa

A pesquisa objetivou compreender em que sentido e de que forma o humor gráfico potencializa processos de Educação Ambiental. Teve como objeto uma Mostra de Humor sobre Educação Ambiental que reuniu 142 cartuns de 142 cartunistas de 38 países, que responderam a um chamamento que circulou nos principais sites de festivais e salões de humor do mundo, selecionados em um universo de 354 trabalhos recebidos para a realização da mostra.

Educadores ambientais que prestigiaram a mostra e interagiram com os cartuns foram entrevistados por meio de perguntas semiestruturadas, gravadas e transcritas com posterior análise. O *corpus* gerado, a partir da transcrição das entrevistas, possibilitou a análise e a identificação de possibilidades e limitações do humor gráfico em processos de Educação Ambiental. Os dados empíricos foram sistematizados e discutidos à luz de

teóricos como Félix Guattari, Eduardo Galeano, Ariel Dorfman, Lucie Sauvé, Michèle Sato, entre outros.

O Brasil foi o país com o maior número de participantes: ao total foram 61 cartunistas de 15 estados brasileiros, sendo o Rio Grande do Sul o de maior representação: 23 cartunistas. Em segundo lugar, a Ucrânia reuniu oito cartunistas, seguido de China, Colômbia e Indonésia, com seis cartunistas cada. Além desses países a mostra recebeu trabalhos da Alemanha, Argentina, Armênia, Austrália, Bélgica, Bielorrússia, Bósnia Herzegovina, Bulgária, Cazaquistão, Chipre, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Irã, Israel, Macedônia, México, Peru, Polônia, República Checa, Romênia, Rússia, Sérvia, Tailândia, Turquia, Uruguai, Uzbequistão e Venezuela.

A categorização dos cartuns, a partir dos problemas socioambientais que apresentavam, foi inspirada na cartografia das correntes em Educação Ambiental, proposta por Lucie Sauvé, a qual apresenta diversas abordagens do campo, agrupando por identificação a partir de um contexto de intervenção proposto, reagrupando proposições semelhantes em categorias, relacionando suas divergências, pontos comuns, oposição e complementaridades (SATO et al., 2005).

As entrevistas realizadas com educadores ambientais foram complementares à produção de dados e sua importância se confirma na série de informações e observações que afloraram nas respostas, principalmente em relação às possibilidades, às limitações e à integração entre os cartunistas que atuam de forma rizomática, realizando um diálogo globalizado a partir de seus trabalhos.

As múltiplas possibilidades do humor gráfico

Ao abordar o humor gráfico, falamos de uma arte que possui mais de quinhentos anos, a contar do princípio de seus estudos sobre caricatura, e que se mantém como força instituinte, sem se tornar força instituída até os dias de hoje. Configura-se como força de resistência, de contestação, de subversão, com poder ideológico crítico e intenso em sua militância social e ambiental.

Ao ler um cartum, é preciso imergir nas possibilidades que ele apresenta, sem esquecer que, além das diversas possibilidades de interpretação, há uma mensagem, uma intenção. Ou seja, quem produziu o cartum, assim o fez porque gostaria de expressar algo. O humorista gráfico que opta pela atuação política torna-se um militante

de causas maiores do que o próprio humor. Transforma algo singelo, frágil, engraçado e banal em uma arma potencialmente calibrada e aguçada para atingir moralmente alvos intocáveis ou a mente daqueles que desejam um mundo diferente. O próprio humor gráfico só se apresenta de forma agressiva quando quem o recebe se sente agredido; a charge, o cartum, a ridicularização de políticos e empresários pela caricatura são somente reações a tantas agressões morais, físicas e ambientais por estes já cometidas.

O fato é que vivermos um tempo de consumo de informação que privilegia a imagem, pela necessidade desenvolvida de otimização do tempo, que faz com que venhamos realizar muitas coisas simultaneamente e de forma rápida. O que parece ser um momento de dificuldade, pode configurar-se como uma oportunidade para captar o leitor, cuja mente funciona na lógica produtivista. Ao chegar, primeiramente, como uma imagem, o humor gráfico tem a capacidade de introjetar nesse primeiro contato, a informação, desencadeando, assim, a reflexão sobre algo que, naturalmente passaria como mais uma informação em fluxo. Esse é um efeito que a maioria das mídias não consegue ter, pois a grande quantidade e o escasso tempo não permitem que a informação seja absorvida e processada.

O humor gráfico pode se imbricar na curiosidade do leitor, provocar sua capacidade criativa, ao fornecer alguns dados, mas não todos, e instigá-lo, desafiando a inteligência, despertando sua atenção e desencadeando um processo profundo de leitura e reflexão sobre algo que passaria despercebido.

A imagem como linguagem, síntese de um conceito, oferece o humor gráfico, aliando-se à Educação Ambiental, como um disparador, permitindo, assim, com profundidade, o início de um diálogo.

É o que revela a pesquisa. A relação de engendramento, de cooperação do humor gráfico com a Educação Ambiental como inovação, propicia a realização de trabalhos tanto com crianças quanto com jovens e adultos. Um trabalho com potencial de ação globalizada, já que os cartuns, em sua maioria, são textos sem palavras,¹ ativando diversas frentes em todo o mundo, na realização de exposições, na produção de publicações, na reprodução em *sites* e espaços físicos independentemente do idioma, e na criação dos próprios cartuns por diversos cartunistas em diversos países do mundo.

Uma das limitações do humor gráfico apontada pelas entrevistas foi com relação à dificuldade dos deficientes visuais de interagirem com a mostra. O próprio processo

¹ Conforme denomina Lucrécia Ferrara (1986).

de pesquisa motivou a analisar a situação e a pensar uma proposta de composição de espaços com elementos voltados para tal leitura por meio do tato, do olfato e da audição, o que poderia servir também para uma pessoa sem deficiência visual visitar o universo de quem não vê. Assim, a sugestão encontrada pela pesquisa seria a de criar caixas, como plataforma do trabalho, no lugar do papel, com o título do cartum em *braille* e, dentro delas, inserir objetos que estabeleçam a contradição com o título, qualidade básica na concepção de um cartum, com a possibilidade de utilizar também elementos sonoros e aromáticos.

É bom lembrar que o humor gráfico propriamente dito não aparece nessas composições tridimensionais. O que ocorre é uma proposta de oferecer ao deficiente visual o acesso ao humor por meio da ideia da contradição, que é a base do humor gráfico.

Em que sentido e de que forma o humor gráfico, como linguagem, potencializa processos de Educação Ambiental?

O sentido encontra-se em perturbar, desacomodar, desafiar a inteligência do leitor, ao provocá-lo a entender o cartum cheio de enigmas e, a partir desse envolvimento, promover a reflexão relativa ao assunto abordado. O caminho inverso também é possível: desafiar alguém, mesmo que não tenha desenvolvido suas habilidades como desenhista, a produzir um cartum sobre as questões do mundo, a partir da sua própria realidade.

As formas que o humor gráfico tem de potencializar a Educação Ambiental são inúmeras. O professor poderá fazer uso do recorte e da coleção das charges de jornais para trabalho em sala de aula; acessar e fruir as exposições *on-line* dos diversos salões e festivais de humor que ocorrem pelo mundo; ensinar a metodologia da produção de cartuns para que os estudantes possam fazer seus próprios trabalhos e promovam suas próprias exposições; criar blogs e jornais independentes que exponham e publiquem os cartuns produzidos; realizar pintura de murais ou grafites que exponham essas ideias pela cidade; promover a distribuição dos cartuns por meio de colagens ou *stickers* (adesivos); produzir *fanzines* fotocopiados, entre outras tantas possibilidades que afloraram na análise dos dados que contribuem para a reflexão social e ambiental, local e global.

Um ato de rebeldia expresso graficamente. Uma denúncia, uma acusação. Um pulsar elétrico entre neurônios que dispara uma ideia, um desenho, uma crítica. Essa

capacidade de fazer forte o fraco, de derrotar o invencível, de dominar uma linguagem que poucas pessoas conseguem produzir e que pode ser lida por todos, torna quem faz humor gráfico um ser inquietante, permanentemente alegre, divertido, sintonizado, porém indignado – um potencial construtor de novas possibilidades de mundo. Assim é o cartunista. Assim é o humor gráfico. Assim também pode ser o educador e a Educação Ambiental. Atores de um enfrentamento, no qual o que está em jogo não é a otimização dos lucros, mas o direito à vida.

Referências

CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David. et al. *Occupy*, movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 7-14.

CHINEM, Rivaldo. *Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet*. São Paulo: Disal, 2004.

CUNHA, Susana R. V. *A importância das artes na infância*. In: CUNHA, Susana R. V. (org) *As artes do universo infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 7-56.

DORFMAN, Ariel. *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 15-30.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986.

FERREIRA, Washington. Imagens da natureza do/no trabalho e o trabalho da/na natureza. In: MACHADO, Carlos R.S.; GONÇALVES, Leonardo Dorneles. *Marx e a Educação – trabalho, natureza e conflitos*. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 32-45.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus. 1990

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARTOG, Simon. *Muito além do cidadão Kane*. Reino Unido: Channel 4, 1993. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA>>

HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David *et al.* *Occupy*, movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 57-64.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *A cultura e o problema humano*. São Paulo: Cultrix, 1967. _____ . *Reflexões sobre a vida*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os percursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

PEDROSO, Orlando. *A história do menino que queria desenhar com o mouse*. publicado em <http://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2013/10/03/a-historia-do-menino-que-queria-desenhar-com-o-mouse/>. Acesso em 05/10/2013 às 22h40.

SATO, Michèle. CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental, pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. Clusters da Educação Ambiental: do eu isolado ao nós coletivo. In: SATO, M. GOMES, G. SILVA, R. *Escola, Comunidade e Educação Ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças*. Cuiabá: Gráfica Print, 2013. p. 15-29.

SANTIAGO. Entrevista com Santiago. In: VASQUES, Edgar; UBERTI, Fernando. *O Cartum no 1º Fórum Social Mundial*. Porto Alegre: Corag, 2001.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. M. *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.17-44.

WOLINSKI, George. Prefácio de Wolinski. In: MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA. *VII PortoCartoon World Festival: Humor e Sociedade*. Porto, 2005.

ZIRALDO. Entrevista com Zirando. In: VASQUES, Edgar; UBERTI, Fernando. *O Cartum no 1º Fórum Social Mundial*. Porto Alegre: Corag, 2001.